

GUARDIÕES DO LOUVRE: ASPECTOS DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA

Thiago Henrique Gonçalves Alves¹

RESUMO

Nosso texto aborda a utilização dos quadrinhos como instrumento de preservação da memória. A teoria baseia-se na relação entre quadrinhos, memória e narrativa, com referências de autores como Nogueira (2018, 2020), Lucas (2024), Rodrigues (2021) e Le Goff (1990), entre outros. O objeto de estudo é o mangá Guardiões do Louvre (2018), de Jiro Taniguchi, que retrata a preservação da memória do Louvre durante a Segunda Guerra Mundial por meio das páginas dos quadrinhos. A metodologia envolve uma análise estrutural da narrativa, considerando a relação entre imagem gráfica e conhecimento científico.

PALAVRAS-CHAVE

Mangá. Memória. História. Narrativa

1 INTRODUÇÃO

Ao relacionarmos quadrinhos e memória, inevitavelmente, mesmo que em um primeiro momento, somos levados aos grandes trabalhos envolvendo um tom mais combativo e jornalístico. Como não nos lembrarmos ao tratar do tema de *Maus: a história de um sobrevivente* (1986) de Art Spiegelman ou *Palestina* (1993) de Joe Sacco? O fato é que as histórias em quadrinhos (HQs)² assumem esse papel em diversos momentos de sua existência, desde seu surgimento até os dias atuais.

Portanto, cabe aqui uma reflexão sobre como os quadrinhos podem assumir seu papel como documento histórico e como servir como instrumento de preservação de memória. Indo inclusive no debate se a ficção também assume esse papel, ou se a responsabilidade de preservação está apenas restrita aos quadrinhos factuais. É importante ressaltar que muitos museus na Europa, como o Louvre, possuem em seu acervo diversos artefatos adquiridos com uso da violência e das práticas de exploração colonial. Embora o trabalho não traga isso como

¹ Doutorando em Comunicação pela UFC. Mestre em Comunicação. Faz parte do grupo de pesquisa Oficina Invisível de Investigação em Quadrinhos e do Paralaxe: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica, Arte e Comunicação. E-mail: thiagohgalves@alu.ufc.br.

² Para fins didáticos, vamos utilizar histórias em quadrinhos (HQs), quadrinhos e mangás como sinônimos.

um ponto principal (que pode ser desenvolvido em outro trabalho), não podemos de deixar registrar essa informação.

Os conceitos trabalhados foram tratados por Rodrigues (2021), Le Goff (1990), Nogueira (2018, 2020) e Lucas (2024). Em um primeiro momento, vamos debater como o quadrinho pode ser representativo do ponto de vista de documento histórico, seja em seu posicionamento dentro de um contexto sociocultural ou como forma de preservação ou de denúncia de uma situação; já no segundo momento se este papel de preservação de memória está atrelado estritamente ao ficcional ou factual; e por fim, propomos uma análise de *Guardiões do Louvre* (2018), do mangaká³ Jiro Taniguchi.

2 CONTEXTUALIZANDO O MANGÁ

Vamos usar como método a ideia de que quadrinhos, histórias em quadrinhos e mangás são sinônimos. Ressaltamos, contudo, que existem diferenças tanto de ordem editorial quanto cultural. Mesmo sendo diferentes em alguns desses aspectos, no geral, todos são tipos de histórias em quadrinhos. Segundo Luyten (2012), os mangás⁴ já tinham um mercado interno consolidado, mas a partir do final da Segunda Guerra Mundial o panorama destas publicações mudou, seu consumo aumentou, em parte pela derrota japonesa no conflito e em outra pelo entretenimento barato, que vinha de publicações *undergrounds* e de sistema de empréstimo barato. A partir do desenvolvimento da indústria japonesa de mangás ao longo do século XX, surgiram diversas obras que tratavam da temática de Guerra, seja de forma mais direta ou alegórica. Citamos aqui dois quadrinhos, o *Gen Pés Descalços* (*Hadashi no Gen*, 1973-1974) de Keiji Nakazawa e *Marcha Para A Morte!* (*Sōin Gyokusai seyo!*, 1973) de Shigeru Mizuki. Estes dois exemplos foram publicados em revistas semanais no Japão. O

³ Mangaká é o artista responsável pelos desenhos e roteiros de uma história em quadrinhos japonesa. Diferentemente do padrão ocidental, no qual temos vários desenhistas e roteiristas, no Japão normalmente essas funções ficam acumuladas em um único indivíduo, com exceções.

⁴ Mangá é o termo utilizado para se referir a histórias em quadrinhos japonesas. Dentro da indústria de quadrinhos nipônica, existem diferentes tipos de demografias, decisões editoriais e público-alvo. Outras características que diferenciam os mangás de um quadrinho ocidental, principalmente do gênero de super-herói, são o sentido de leitura (os mangás são lidos da direita para a esquerda) e o fato de que as histórias têm início, meio e fim. É muito raro um mangá ganhar uma continuação ou algum derivado em quadrinhos, diferentemente das HQs de super-heróis, como o Superman, que aparece na revista Action Comics em 1938 (e que existe até hoje) e tem sua revista com título homônimo, além de participar de histórias de outros personagens ou em grupos como a Liga da Justiça. Nesse sentido, as obras em mangás, embora mais volumosas, tendem a ter um final definitivo.

primeiro na Weekly Shōnen Jump da editora Shueisha, uma das maiores do país; e o segundo foi publicado em formato one-shot na revista Shūkan Gendai da editora Kodansha.

Ressaltamos que os dois mangás usados como exemplos até então são de caráter ficcional, embora presos a realidade factual da Guerra ou inspirado em uma história real. Este fato não anula, por exemplo, as atrocidades que o Exército Imperial Japonês impôs durante seus conflitos, principalmente com a Coreia⁵ e a China. Contudo, os dois exemplos servem como ponto de partida para o conceito de como os quadrinhos podem ser utilizados como documento histórico ou como objeto de estudo do campo científico histórico.

O mangá *Guardiões do Louvre* (2018), de Jiro Taniguchi, trata da construção da memória de uma maneira diferente dos exemplos citados até então. Por se tratar de um quadrinho publicado em parceria entre a editora Futuropolis e a Louvre Éditions, a obra assume ares de quadrinhos institucionais. O debate sobre a sua natureza não é o foco neste texto, cabe ressaltar a sinopse.

Depois de uma excursão pela Europa, um artista japonês faz uma parada em Paris sozinho, com a intenção de visitar os museus da cidade. Mas, acamado em seu hotel devido a febre, ele enfrenta o sofrimento da solidão absoluta em uma terra estrangeira, privado de qualquer recurso ou apoio familiar. Quando a febre baixa um pouco, ele inicia seus passeios e logo se perde nos monumentais salões do Louvre. Lá, descobre muitas facetas do mundo das artes, em uma jornada que oscila entre alucinações febris e realidade. Ele se vê conversando com pintores famosos de diversos períodos da história, sempre guiado pelos... *Guardiões do Louvre*. (Biblioteca Brasileira de Mangás, 2018)

A partir do texto acima, percebemos que o mangá não se trata apenas de uma caminhada pelos corredores do famoso museu, não carregando apenas a sua história, mas a de outros lugares e de outras pessoas. Assim, ressaltamos o caráter de preservação da memória tendo em consideração o mangá como um objeto de sua perpetuação e a história como elemento fundamental a ser preservado.

3 O CAMINHO ENTRE O INSTITUCIONAL E O FICCIONAL

Miorando (2019) começa seu texto afirmando que quadrinhos e memórias têm conceitos parecidos. Ambos têm o fragmento como matéria prima, sejam os quadros

⁵ Os quadrinhos *Grana* (*Les Mauvaises herbes*, 2018) e *A espera* (*L'attente: Une famille coréenne brisée par la partition du pays*, 2021) de Keum Suk Gendry-Kim representam e apresentam alguns dos horrores causados pelo Exército Imperial Japonês.

diagramados em uma página ou em nossa cabeça. Além disso, eles compartilham que “para serem entendidos, é preciso que a pessoa que os utiliza empreste uma forma e um sentido para eles.” (2019, p.37). Para além das similaridades filosóficas, é necessário definir o que vamos chamar de memória no contexto desse trabalho. O primeiro ponto é entender se o *Guardiões do Louvre* pode ser considerado um quadrinho institucional ou não, e no que isso implicaria em nossa abordagem. Em texto publicado pelo site Universo HQ, a pesquisadora Isa Oliveira⁶ (2018) diz: “Importante dizer que *Guardiões do Louvre* foi lançada originalmente no mercado franco-belga pela Futuropolis, em coedição com o Museu do Louvre. Ou seja, corria o risco de ser uma HQ “institucional”, mas felizmente Taniguchi não permitiu.”. Em contraponto, vamos utilizar a definição trazida por Bortoluzzi (2019), caracteriza que o quadrinho institucional seria aquele com teor publicitário (ou seja no intuito de vender algo) ou educacional (como cartilhas da área da saúde, educação etc.). Embora sejam conceitos que se apresentem como antagônicos, eles são necessários para uma compreensão maior do tema. Neste sentido, acreditamos que *Guardiões do Louvre* se distancia de ser um quadrinho institucional (no sentido *estrito* do termo) por dois motivos. 1) embora a obra se passe no museu do Louvre e faça referência às suas obras e artistas, o mangá apresenta um enredo próprio e uma narrativa que se distancia do tradicional quadrinho institucional, segundo o conceito tratado por Bortoluzzi (2019) como algo publicitário ou vise promover determinado local, ideologia, filosofia etc. Um bom contraponto seria o quadrinho *Todo poderoso timão* (2009) de Ziraldo, um quadrinho feito para contar a história dos 100 anos de fundação do clube de futebol Sport Club Corinthians Paulista. A abordagem nesse ponto é diferente, pois enquanto *Guardiões do Louvre* tem uma história própria com desenvolvimento de personagens e uma interação direta com o museu e com a História, o *Todo poderoso timão* parte do senso comum do centenário do clube paulista e trata o quadrinho de modo a promover e a celebrar os 100 anos da instituição; 2) o caráter comercial e informativo está em medidas diferentes, o que gera um desequilíbrio que ajudaria a manter uma definição mais assertiva, embora seja um produto para ser vendido, *Guardiões do Louvre* o fato da história se passar no Louvre não é o fator determinante, sendo menos evidente, isso faz com que este mangá se diferencie de obras com uma finalidade claramente publicitária. Embora seja um

⁶ OLIVEIRA, Isa. REVIEWS *Guardiões do Louvre*. 2018. Disponível em: <https://universohq.com/reviews/guardioes-do-louvre/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

produto comercial, a força do mangá de Taniguchi reside justamente na sua narrativa autônoma, que transcende a mera contextualização histórica e comercial. Assim, consideramos que o mangá de Jiro Taniguchi apresenta elementos institucionais, mas eles são restritos apenas a uma contextualização da história e servem para guiar o protagonista e o leitor em sua jornada.

Uma das problemáticas encontradas em nossa reflexão, principalmente levando em consideração elementos da construção e da preservação da memória sob um aspecto histórico é a nossa capacidade de identificar se aquele quadrinho é factual ou ficcional, ou uma categoria híbrida entre ambos. Lucas (2024), aponta quais elementos paratextuais dos quadrinhos são uma fonte segura para obter estas informações, mas ele ressalta três pontos. 1) a capacidade metassígnica de um paratexto; 2) a percepção, segundo Umberto Eco, que o texto é incapaz de apontar para elementos incontestáveis de ficcionalidade e que o paratexto seria uma das formas de identificar isso; 3) a ausência de sinais fidedignos de ficcionalidade, permite a existência de textos autoficcionais, com base em textos autobiográficos. Os três pontos postos por Lucas (2024) dão uma perspectiva quando nos *Guardiões do Louvre*, ainda neste trabalho, o autor levanta com base na ficha catalográfica que o mangá é uma peça de ficção e não factual ou biográfica. Dando mais um indício da não categorização de uma obra institucional.

4 SOBRE OS CONCEITOS DE HISTÓRIA E MEMÓRIA

O debate do tópico anterior aponta para uma questão fundamental para esse estudo: por que os quadrinhos institucionais e os ficcionais são importantes para a preservação da memória e da história? A distinção entre institucional e ficcional se relaciona diretamente com o conteúdo a ser analisado, independente de se tratar do mangá de Jiro Taniguchi ou de qualquer outra história em quadrinho. Essa relação se dá justamente por meio do ato comunicacional. Estar diante de uma obra que seja vinculada a uma instituição ou que apresente elementos próprios fortes o suficiente para sustentar uma história (personagem principal, enredo, desenvolvimento da narrativa etc.) é uma forma de validar a história (seja como elemento diegético ou cronológico) ou preservar uma memória.

Isso posto, *Guardiões do Louvre* apresenta elementos importantíssimos para uma parcela da história da cultura ocidental e oriental. E é nesse ponto que vamos focar nossa análise. Rodrigues (2021) salienta o uso dos quadrinhos como objeto de estudo do campo da história. Seja o quadrinho como próprio documento histórico, por exemplo sendo localizado diacronicamente em uma linha do tempo, apontando seus estilos, traços e características mais importantes; ou pelo fato de que a história em quadrinho em si traz dentro de suas páginas elementos importantes para a compreensão daquele fato histórico em si ou pelo menos caminhos a serem seguidos para seu estudo. Juntamente a isso, gostaríamos de acrescentar o conceito proposto por Massironi (2019), que além de apontar para relação do desenho e da relação com a área da Comunicação, reforça a imagem gráfica como fonte de conhecimento científico “O desenho é, portanto, o instrumento que habitualmente mais se adapta à transmissão deste tipo de conteúdo.” (2019, p. 133) algo que Cirne traduz a fonte e criação de conhecimento seja ele científico ou narrativo para os quadrinhos em “Os quadrinhos, não esqueçamos, produzem discursos gráficos e narrativos determinados por uma linguagem bastante rica na multiplicidade de seus códigos” (1983, p.63).

Portanto, os quadrinhos não são apenas veículos de transmissão de conteúdo, mas também poderosas ferramentas de comunicação que aliam elementos de diversas áreas do conhecimento, que alia diversos elementos que fazem parte de uma construção interdisciplinar. Pensando o quadrinho conforme Rodrigues (2021) como um objeto de representação da história, podemos pensar em como certos elementos da narrativa das HQs têm relação com a memória.

Aliás, é isso que a consciência constata facilmente toda vez que acompanha, para analisar a memória, o próprio movimento da memória que trabalha. Trata-se de recuperar, uma lembrança, de evocar um período de nossa história? Temos consciência de um ato *sui generis* pelo qual deixamos o presente para nos recolocar primeiramente no passado em geral, e depois numa certa região do passado: trabalho de tentativa, semelhante à busca do foco de uma máquina fotográfica. Mas nossa lembrança permanece ainda em estado virtual; dispomo-nos simples mente a recebê-la, adotando a atitude apropriada. Pouco a pouco aparece como que uma nebulosidade que se condensasse; de virtual ela passa ao estado atual; e, à medi da que seus contornos se desenham e sua superfície se colore, ela tende a imitar a percepção. (Bergson, 1999, p.157)

Henri Bergson nos dá pistas de como entender esse movimento da memória e de sua capacidade analítica. A memória não se trata de uma mera lembrança, mas como uma nuvem que passa de um estado virtual para um atual. Seguindo a lógica do autor, as HQs sob esse

ponto de vista, poderiam ser interpretadas como um instrumento que transforma essa percepção de lembrança em uma tentativa de evocação de um período histórico. Essa ação está diretamente relacionada ao aspecto não apenas editorial, mas gráfico. Uma vez que autor da história em quadrinho é um agente dentro desse elemento cronológico seja como um produtor de um algo em específico ou reproduzidor de um discurso, retomando o pensamento de Rodrigues (2021). Contudo, não podemos ser ingênuos e olhar para um evento histórico sem a criticidade que ele merece.

Em *Guardiões do Louvre* (2018) isso fica bem evidente ao lermos o mangá, seja pelo seu aspecto diegético, quando sua história se passa, na maior parte, dentro de um museu, ou gráfico, sendo uma publicação que fala diretamente sobre a preservação da memória, neste caso, da Guerra. Esse ponto dentro da obra é relevante, uma vez que o protagonista está inserido dentro de um museu e tem constantes interações com pinturas e artistas, ao passo que, em consequência, vive sua própria história, enquanto o mangá, aqui como objeto físico, é outro elemento produzido dentro de uma cronologia. Essa distinção faz com que apontemos que imaginação e lembrança são duas palavras que têm sentidos diferentes, uma vez que o mangá, em diversos momentos, busca trazer ao leitor esse sentimento de lembrança por meio da imaginação. Para completar esse raciocínio, Bergson (1999) afirma que imaginar é diferente de lembrar.

Imaginar não é lembrar-se. Certamente uma lembrança, à medida que se atualiza, tende a viver numa imagem; mas a recíproca não é verdadeira, e a imagem pura e simples não me reportará ao passado a menos que seja efetivamente no passado que eu vá buscá-la, seguindo assim o progresso contínuo que a trouxe da obscuridade à luz. (Bergson, 1999, p. 158)

Portanto a imagem criada no quadrinho está muito relacionada a lembrança e memória da Guerra, enquanto a imaginação, que no mangá está presente por meio de seu protagonista, tende a tratar de elementos e detalhes que passam despercebidos pelo leitor. Este registro gráfico está diretamente relacionado com o conceito de narrativa e sua estrutura. Roland Barthes em seu texto “A Análise Estrutural da Narrativa” (2011), que serve de introdução ao livro de mesmo nome, aponta que

Inumeráveis são as narrativas do mundo. Há, em primeiro lugar, uma variedade prodigiosa de gêneros, distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para que o homem lhe confiasse suas narrativas: a narrativa pode ser sustentada pela linguagem, oral ou escrita, pela imagem fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na

lenda, na fábula, no conto, na pantomima, na pintura, no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação. (Barthes, 2011, p. 19)

Assumimos que toda matéria de fonte de narrativas tem uma origem distinta, a escolha advém de diversas substâncias e formas de se contar uma história. Ressaltamos a forma como a memória está ligada a narrativa quadrinística, partindo desde um pensamento filosófico de sequenciais a partir de fragmentos até chegar ao conceito que o fato de se contar na história (no caso dos quadrinhos) está diretamente relacionado ao conceito de manter e materializar uma memória, aqui com as linguagens dos quadrinhos e a imagem gráfica.

1) a memória étnica nas sociedades sem escrita, ditas "selvagens"; 2) o desenvolvimento da memória, da oralidade à escrita, da Pré-história à Antiguidade; 3) a memória medieval, em equilíbrio entre o oral e o escrito; 4) os progressos da memória escrita, do século XVI aos nossos dias; 5) os desenvolvimentos atuais da memória (Le Goff, 1990, p. 428).

Sob o ponto de vista do conhecimento histórico como ciência, citamos categorias que são definidas no texto de Le Goff. Neste breve passeio por essa divisão, ressalta-se a importância da ciência histórica para a preservação da memória. *Guardiões do Louvre* é um mangá criado por um autor japonês que apresenta, em seus capítulos finais, o movimento de persistência e preservação da memória por meio dos quadros do Louvre que foram quase destruídos na invasão alemã em Paris na Segunda Guerra Mundial. Cabe um apontamento crítico em relação ao tema. Ao trazermos Ariella Aïsha Azoulay com seu livro *História potencial: Desaprender o imperialismo* (2024) buscamos um olhar atual e crítico sobre alguns conceitos que permeiam o campo da história. O primeiro deles é que está diretamente relacionado com o objeto que analisamos é entender que os museus ocidentais, principalmente da forma como conhecemos, apenas perpetuam a inserção de diretos de pessoas privilegiadas "(sobretudo cidadãos ocidentais brancos)" (Azoulay, 2024) em espaços em que a maioria dos objetos expostos é fruto de violência e roubo de diversos outros povos. O Louvre, espaço em que ocorre a história contada no mangá, não foge a esse pensamento.

A história potencial é uma forma de estar com outros, vivos e mortos, através do tempo; contra a separação entre passado e presente, entre pessoas colonizadas e seus mundos e posses, entre história e política. Neste espaço em que a violência deveria ser revertida, diferentes opções outrora eliminadas são reativadas como uma maneira de desacelerar o movimento imperial do progresso. A história potencial questiona o valor universal inerente aos registros arquivísticos, valor que passa por cima do litígio local sobre o modo de sua aquisição. A história potencial também se recusa a endossar a missão do arquivo (Azoulay, 2024, p.46).

A autora traz em seu livro a ideia de história potencial como elemento condutor entre história e política, principalmente levando em conta as violências impostas pelo imperialismo em um falso ideal de progresso, sem deixar de lado as questões envolvendo a exploração colonial. Assim, torna-se impossível olhar para o mangá sem um viés crítico, tendo como premissa o protagonista ser capaz de passear entre as eras do museu e ter contato com diversos artistas que tem suas obras expostas no espaço.

O fato de ser um mangaká contando a história a partir de uma visão ocidental, principalmente se levarmos em conta o posicionamento do Japão na guerra, é uma escolha política.

O autor de quadrinhos – seja ele criador de argumentos e personagens, seja ele desenhista – tem um papel decisivo a desempenhar, como os demais artistas: sua prática estética dá-se em função de uma prática social determinada. Sua arte, mesmo quando aparentemente ingênua, jamais será inocente. Ao se valer dos mecanismos da cultura de massa, o quadrinheiro, a rigor, compromete-se política e socialmente com o tempo histórico que marca a sua existência enquanto ser concreto no interior das classes sociais, assim como se compromete ao recusar esses mesmos mecanismos. (Cirne, 1982, p. 23)

O trecho retirado do capítulo II de título “O quadrinheiro e a responsabilidade social do artista” presente no livro *Uma introdução política aos quadrinhos* serve para confirmar alguns apontamos que vinham sendo discutidos ao longo do texto. O primeiro é que a visão ingênua de que *Guardiões do Louvre* seria apenas um mangá puramente institucional não se sustenta, uma vez que a escolha política e estética do autor mina essa possibilidade pura⁷. O fato de um japonês quadrinizar os elementos da guerra sem levar em conta o ambiente asiático, afinal a parte final do mangá trata da invasão alemã no território francês, também é uma escolha política e demonstra esse comprometimento que Cirne levanta em seu texto. *Guardiões do Louvre*, assim como qualquer quadrinho, é político e preserva a memória, seja de seu protagonista ou das obras do museu.

Em artigos mais recentes, Nogueira (2018, 2020) apresenta um panorama e um estudo direcionado para a preservação da memória das mulheres dentro do campo dos quadrinhos “É dever de memória lembrar dessas mulheres, referenciar suas obras e reparar o silêncio que

⁷ Não negamos a possibilidade de elementos institucionais estarem presentes na obra, mas reforçamos que diante da escolha por Jiro Taniguchi e por sua estética este elemento não pode ser considerado e analisado de forma isolada.

lhes foi imposto pela indústria dos quadrinhos durante mais de um século.” (2018, p.8), mais a frente ela retoma um pensamento de Le Goff que trouxemos aqui.

Retomando as palavras de Le Goff, para se estudar a memória é preciso entender os problemas da história, mas estes só se tornarão realmente inteligíveis quando pudermos ouvir uma pluralidade de vozes, de homens e mulheres. E é em busca de uma memória e de uma história plurais que deve se ater o esforço da historiografia, seja com relação à história dos quadrinhos ou a qualquer outro campo de estudos históricos. (Nogueira, 2018, p.8)

Percebe-se que dentro do objeto quadrinhos seja em qual área de conhecimento for (história, comunicação, linguagens) existe uma preocupação por essa preservação da memória, inclusive com fins analíticos-didáticos para que certos apagamentos, equívocos e injustiças não venham a se repetir. O que leva ao fato que a memória (ou que se lembra) é sempre direcionado a um caminho político, a uma escolha. Portanto o esquecimento também se torna um desdobramento disto. Nogueira (2020) aponta para o caráter no mínimo questionável da escolha de preservação de certas memórias, no dizente a perpetuação por exemplo de um pensamento dominante.

5 A MEMÓRIA NO LOUVRE

Até então, debatemos sobre a possibilidade de *Guardiões do Louvre* (2018) ser um mangá institucional ou não, e seus desdobramentos. Trouxemos conceitos importantes como os de Bortoluzzi (2019) e Lucas (2024). O primeiro relaciona os quadrinhos institucionais à publicidade ou à divulgação de ideologias, filosofias, educação etc. O segundo relaciona os aspectos factuais presentes no paratexto.

Ao consultarmos a ficha catalográfica de *Guardiões do Louvre*, vemos que ele é classificado como ficção. Isso contribui para a discussão sobre os limites entre o institucional, o factual e o ficcional, bem como suas diferentes funções comunicativas. É um elemento importante para compreender os estudos sobre história e memória, pois, como aponta Rodrigues (2021), o quadrinho pode ser um objeto de estudo da ciência da História, seja por seu caráter factual (como em *Persépolis*), institucional, ficcional ou pela sua cronologia.

Sendo assim, com base nas ideias de Nogueira (2018, 2020), Le Goff (1990) e Bergson (1999), e considerando o olhar crítico de Azoulay (2024) sobre os espaços que contam a história, como os museus, decidimos analisar duas páginas de *Guardiões do Louvre*. Nosso

objetivo é apontar caminhos para os estudos da preservação da memória e da história por meio dos quadrinhos, sem renunciar à criticidade necessária.

Figura 1 – O protagonista se encontra nos corredores do Louvre sem nenhuma obra exposta



Fonte: Taniguchi (2018, p.91)

A figura 1 faz parte do capítulo 4 chamado “Paris, 1939”, aqui temos a chegada da Segunda Guerra Mundial no Louvre. Os capítulos anteriores do mangá tratam dessas “viagens no tempo” no qual o protagonista conhece e conversa com vários pintores, escritores e

artistas que têm relação direta ou indiretamente com o museu. A primeira leitura da página nos informa o que aconteceu, as obras do Louvre estão sendo retiradas, pois estamos no ano de 1939. Os questionamentos do protagonista podem ser os mesmos do leitor em um primeiro momento. Trazendo novamente Rodrigues (2021), o quadrinho pode ser a fonte de um documento histórico ou apresentar evidências que permitam uma aproximação. Importante ressaltar que como leitor inferimos que se trata do período da Segunda Guerra Mundial, fato que será confirmado por meio do texto verbal nas páginas posteriores. Taniguchi, um mangaká japonês, vai apresentar os terrores da Guerra por meio das representações do Louvre, fato que gera uma tensão se compararmos com a maneira em que o tema é tratado em mangás mais tradicionais.

Aqui podemos comprovar os pontos de Bergson (1999) e Azoulay (2024). A memória não é uma lembrança. Ela é o fio condutor da narrativa, fazendo com que o protagonista de fato adentre na história e esteja em Paris no ano de 1939, pouco tempo antes da invasão nazista à cidade. Trata-se de um lugar de privilégio que está prestes a ser destruído, a menos que se faça algo para salvar as obras que lá estão. Se levarmos em conta o pensamento de Azoulay, a própria potencialidade a história, podemos ter um olhar crítico sobre o acontecimento, se não tivesse o banho de sangue dentro do próprio imperialismo e colonialismo que roubou essas obras, talvez sua destruição não fosse uma realidade dentro do mangá.

Por outro lado, é curioso o fato de que tanto o Japão quanto a França e a Alemanha, países envolvidos na Segunda Guerra Mundial, apareçam no mangá. O protagonista é japonês, e, embora a obra seja um mangá, ela tem como foco a preservação do Louvre. A indústria de mangás no Japão já publicou centenas de obras ambientadas na Segunda Guerra Mundial, muitas das quais retratam os horrores sofridos pela sociedade civil. Um bom exemplo é o mangá. Um bom exemplo é o mangá *Gen Pés Descalços* (1973) de Keiji Nakazawa⁸.

Este fato comprova dois pontos: 1) a escolha de Taniguchi foi política (um quadrinista japonês para retratar esse período); 2) ela oferece uma perspectiva que nem sempre é explorada por um artista não ocidental. Vale fazer um parêntese: a escolha de Taniguchi também envolveu questões comerciais, já que o mangaká é um dos mais celebrados no

⁸ No Brasil foi lançado pela editora Conrad em 10 volumes entre os anos de 2011 e 2016.

mercado europeu, com parcerias consolidadas com o quadrinista francês Jean Giraud (Moebius). Isso, no entanto, cria um paradoxo, algo que Le Goff, Nogueira apontam como uma fuga do olhar comum e já enviesado sobre a Segunda Guerra. Certamente, se esse quadrinho tivesse sido feito por um quadrinista europeu, as abordagens temáticas e a construção narrativa seriam diferentes. No que diz respeito à linguagem dos quadrinhos, há um bom uso da construção da página. A leitura começa com quadros grandes e é intercalada por quadros médios e pequenos, o que indica uma aproximação não só entre os personagens, mas também entre o leitor e a história. A boa diagramação da página, o uso dos espaços e os cortes reforçam esse efeito.

Figura 2 – Os processos de transportes das obras



Fonte: Taniguchi (2018, p.103)

Ao longo das páginas, acompanhamos junto com o protagonista os preparativos para a retirada das obras do museu antes da chegada dos nazistas. O desespero, a falta de tempo e de condições adequadas para o transporte acabou gerando danos em obras, algumas com

capacidades de restauração e outras mutiladas para sempre. O protagonista perpassa por diversas pessoas que estiveram envolvidas no traslado, todas são personalidades históricas, sejam escritores, curadores e administradores.

Podemos assumir então o caráter não institucional aqui, retomando a discussão dos tópicos anteriores. Não tem nestas páginas um caráter publicitário ou pedagógico, e sim ficcional, seja no âmbito de criação de diálogos ou adaptações de situações, apontando o mangá muito mais para o caminho ficcional que factual (Lucas, 2024).

A figura 2 mostra como determinadas obras sofreram para que fossem preservadas. O quadro em questão entrou em contato com os fios, o que gerou um curto e quase um incêndio. Seria o fim da obra caso isso acontecesse. Como público, não teríamos noção de que isso aconteceu, juntamente com diversas outras fatalidades que poderiam marcar o fim do Louvre e de suas obras. Novamente, a diagramação dá ritmo às rápidas ações entre encostar no fio e na possibilidade de incêndio. O layout dos quadros e o uso dos formatos dos balões contribuem para essa sensação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontamos na introdução, o Museu do Louvre é considerado por muitos o maior museu do mundo. Deixamos aqui registrado que muitas obras lá expostas e em diversas outras instituições similares na Europa são frutos de uma violência e de uma prática colonial. Dito isso, partimos, em nosso texto, da intenção de observar o quadrinho como elemento de preservação da memória, principalmente se levarmos em conta o conceito de Rodrigues (2021).

Assim, retomamos as reflexões apontadas na introdução. Em um primeiro momento, debatemos os limites entre o institucional e o ficcional, uma vez que existe um debate em torno de Guardiões do Louvre, além de contextualizar o mangá dentro do campo histórico com Luyten (2012). Em seguida, levantamos como as histórias em quadrinhos podem ser vistas como documentos históricos, seja pela sua existência ou pelos elementos diegéticos presentes, sem deixar de lado um posicionamento dentro de um contexto sociocultural ou como forma de preservação ou de denúncia de uma situação. Já no segundo momento,

questionamos se esse papel de preservação da memória está atrelado estritamente ao ficcional ou ao factual.

Nosso objeto escolhido foi o mangá *Guardiões do Louvre* (2018). A partir dele, levantamos uma série de reflexões sobre os quadrinhos institucionais e sua função de preservar a memória. Segundo Nogueira (2018, 2020), a preservação da memória está atrelada a um pensamento geralmente dominante e que seria necessário romper com ele para que possamos ter uma visão mais plural dos acontecimentos, seja na história em quadrinhos ou no próprio campo científico historiográfico. Assim, reconhecemos em *Guardiões do Louvre* uma tentativa de rompimento, principalmente ao ter como autor um mangaká, uma figura que, mesmo adorada na Europa, ainda mantém uma distância geográfica e cultural do que aconteceu em Paris em 1939.

Utilizamos como base Azoulay (2024), que aponta para o domínio colonial no tocante ao predomínio da história. Assim, esse rompimento de ter a história recontada pelo ponto de vista de um autor japonês é um exercício interessante de entender como se dá a construção do pensamento histórico e da memória. Aproximando-se assim do pensamento de Nogueira (2018, 2020), observamos, por meio da análise, o fator histórico da obra e sua importância para a preservação de uma memória, embora seja uma narrativa que se passa na França com um olhar japonês, não-europeu.

Assim, a preservação da memória acontece em duas instâncias, em nosso entendimento: 1) ao quadrinizar histórias pouco conhecidas de personagens importantes para a preservação das obras artísticas do Louvre durante a invasão nazista; 2) o próprio mangá como objeto de preservação. As duas são necessárias e coexistem. A partir do ponto de vista histórico-narrativo ou das quadrinizações e diagramações de Taniguchi, podemos analisar ambos os aspectos.

REFERÊNCIAS

- AZOULAY, Ariella. **História potencial**: desaprender o imperialismo. São Paulo: Ubu Editora, 2024.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da Narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise Estrutural da Narrativa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. Cap. 1. p. 19-64.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIBLIOTECA BRASILEIRA DE MANGÁS. **Guardiões do Louvre**. 2018. Sinopse do Mangá. Disponível em: <https://blogbbm.com/manga/louvre/#:~:text=Sinopse%3A%20O%20aclamado%20mangak%C3%A1%20Jiro,visitar%20os%20museus%20da%20cidade..> Acesso em: 26 abr. 2024.

BORTOLUZZI, Rédi Roger Bauer. QUADRINHOS INSTITUCIONAIS DE TEMÁTICA MILITAR: uma comparação entre a turma da mônica e recrutinha. In: 6^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 6., 2019, São Paulo. **Anais das 6^{as} Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Usp, 2019. p. 1-15. Disponível em: https://jornadas.eca.usp.br/anais/6asjornadas/q_educacao/redi_bortoluzzi.pdf. Acesso em: 26 abr. 2024.

CIRNE, Moacy. **A Biblioteca de Caicó**: ensaios sobre vanguarda, semiologia e cultura de massas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

LE GOFF, Jacques. **História e memória** – Campinas: Editora da UNICAMP, 1990

LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. Paratextos em quadrinhos factuais: como saber se e quando estamos frente à “realidade”? **9^a Arte (São Paulo)**, [S. l.], v. 12, p. e219156, 2024. DOI: [10.11606/2316-9877.2024.v12.e219156](https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/219156). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/219156>. Acesso em: 26 abr. 2024.

LUYTEN, Sonia Bibe. **Mangá**: o poder dos quadrinhos japoneses. São Paulo: Hedra, 2012

MASSIRONI, Manfredo. **Ver pelo desenho**: aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos. Lisboa: Edições 70, 2019.

MIORANDO, Guilherme “Smee” Sfredo. Histórias em quadrinhos e memória: algumas aproximações. **Revista Memorare**, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 37, 20 dez. 2019. Anima Educação. <http://dx.doi.org/10.19177/memorare.v6e2201937-52>.

NOGUEIRA, Natania A. da Silva. GRAMA E O DEVER DE MEMÓRIA: o caso das comfort women. **Pesquisa & Educação A Distância**, Niterói, n. 7, p. 1-16, dez. 2020. SUPLEMENTO ESPECIAL. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=2013EAD1&page=article&op=view&path%5B%5D=8633&path%5B%5D=4241>. Acesso em: 26 abr. 2024.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. A MEMÓRIA DAS MULHERES E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. **Revista de Trabalhos Acadêmicos**, Niterói, v. 2, n. 17, p. 1-10, dez. 2018. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=view&path%5B%5D=7372&path%5B%5D=4160>. Acesso em: 26 abr. 2024.

OLIVEIRA, Isa. REVIEWS Guardiões do Louvre. 2018. Disponível em: <https://universohq.com/reviews/guardioes-do-louvre/>. Acesso em: 22 dez. 2018.

RODRIGUES, Márcio dos Santos. Apontamentos para a pesquisa histórica sobre quadrinhos. In: RODRIGUES, Márcio dos Santos; CALLARI, Victor (org.). **História e quadrinhos**: contribuições ao ensino e à pesquisa. Belo Horizonte: Letramento, 2021. p. 19-62.

TANIGUCHI, Jiro. **Guardiões do Louvre**. São Paulo: Pipoca & Nanquim, 2018.

ZIRALDO. **Todo Poderoso Timão em Quadrinhos**. São Paulo: Editora Globo, 2009.

Guardians of the Louvre: aspects of Memory and History

ABSTRACT

Our text addresses the use of comics as a tool for preserving memory. The theory is based on the relationship between comics, memory and narrative, with references from authors such as Nogueira (2018, 2020), Lucas (2024), Rodrigues (2021) and Le Goff (1990), among others. The object of study is the manga Guardians of the Louvre (2018), by Jiro Taniguchi, which portrays the preservation of the Louvre's memory during the Second World War through the pages of comics. The methodology involves a structural analysis of the narrative, considering the relationship between graphic images and scientific knowledge.

KEYWORDS

Manga. Memory. History. Narrative.

Guardianes del Louvre: aspectos de la memoria y la historia

RESUMEN

Nuestro texto aborda el uso del cómic como herramienta de preservación de la memoria. La teoría se basa en la relación entre cómic, memoria y narrativa, con referencias de autores como Nogueira (2018, 2020), Lucas (2024), Rodrigues (2021) y Le Goff (1990), entre otros. El objeto de estudio es el manga Guardianes del Louvre (2018), de Jiro Taniguchi, que retrata la preservación de la memoria del Louvre durante la Segunda Guerra Mundial a través de las páginas del cómic. La metodología implica un análisis estructural de la narración, considerando la relación entre las imágenes gráficas y el conocimiento científico.

PALABRAS CLAVE

Manga. Memoria. Historia. Narrativa.

Recebido em: 27/11/2024

Aceite em: 08/01/2025